

1-8 Sábado, 30 de março de 1991

brasil

FOLHA DE S.PAULO

Garimpo critica 'omissão' do Itamaraty

MARCELO BERABA
Editor de Política

O líder dos garimpeiros da Amazônia, José Altino Machado, considera a ação do governo federal nas fronteiras do Norte, particularmente a posição do Itamaraty, "uma vergonha". Na sua opinião, o governo está sendo "omisso" em relação aos problemas de fronteira, o que vem possibilitando vários incidentes.

Cento e quarenta garimpeiros brasileiros foram expulsos da Guiana Francesa no início da semana. Em fevereiro e início de março, conflitos entre o Exército e colombianos resultaram em pelo menos 12 mortes na região do rio Traíra, no noroeste do Amazonas. Na Venezuela, no início do ano, um avião de garimpeiros brasileiros foi atingido por disparos de militares venezuelanos.

José Altino calcula que cerca de 40 mil dos melhores garimpeiros do país estão neste momento procurando ouro embrenhados nas serras e rios das selvas dos países vizinhos.

Eles fazem parte de um exército de mais de 800 mil garimpeiros, responsáveis por quase 80% do que se extrai de ouro na Amazônia e pela circulação anual de quase US\$ 2 bilhões em dinheiro vivo.

É o maior segmento econômico de uma vasta região semi-habitada, um caldeirão de problemas. Os garimpeiros, que já não cabem nas extensas fronteiras, se multiplicaram nos últimos anos com as migrações do Sul.

Eles são acusados de desmatamento, poluição de rios, devastação de áreas indígenas, genocídio, invasão de fronteiras. Erráti-

cos, não votam, não constroem patrimônio. Fala por eles a União dos Sindicatos e Associações de Garimpeiros da Amazônia Legal (Usagal), fundada em dezembro de 85 e cujo Conselho é presidido por José Altino.

Nesta entrevista exclusiva, José Altino defende os garimpeiros com ataques ao governo federal. Seus alvos são a omissão do Itamaraty nos problemas de fronteira ("Já não existe temor nos países vizinhos em relação ao Brasil. Eles sabem que o gigantão está dormindo."); a ação repressiva da Polícia Federal em Roraima; a inexistência de projetos para a região; a falência do sistema de saúde; e as barreiras criadas para a exportação de castorite.

Para a Igreja e para as organizações ambientais e de proteção aos índios, José Altino personifica a maior ameaça à preservação da Amazônia. Ele ironiza: "Nós somos o pesadelo da realidade dos sonhos filosóficos."

E tem frases provocativas, polêmicas: "Quando se fala do índio dá a impressão que ele está sendo massacrado. O fundamental é que hoje ele tem desejos, ele quer consumir"; "Por que os índios não podem morrer? Eles têm que morrer mesmo, como todos nós"; "É imbecilidade de quem fez uma reserva onde tinha ouro. País nenhum do mundo nunca fez e nem vai fazer."

Mineiro de Governador Valadares, Altino está na Amazônia desde 1967. Tem residências em Manaus e Boa Vista (RR). A seguir, os principais trechos da entrevista, concedida em São Paulo.

"O garimpo é uma elite"

"As fronteiras da Amazônia estão onde estão por causa do garimpo. Ele é muito antigo.

Em 80 a garimpagem estava, aproximadamente, com 250 mil pessoas e em 85, em dezembro, quando fizemos um censo, tínhamos atingido 400 mil homens.

Em 86, com o negócio da Constituinte, houve o primeiro impacto. Aquela briga danada que arrumaram com o negócio de reforma agrária. O fazendeiro que tinha terra preferiu comprar trator e botou todo mundo para fora. O discurso da Igreja e da esquerda era muito bonito. Tirou muita gente para andar atrás delas e pressionar pela reforma agrária.

Acabou não acontecendo nada e esse povo do Sul bateu nos garimpos amazônicos. Estou me referindo aos 'sem-terra'. Antes a gente só recebia nordestino, em função da seca.

E veio também o Plano Cruzado. Aí acabou de acabar mesmo. Os sindicatos que atuavam na área de Alta Floresta (MT), em Rondônia e no sul do Pará registravam a chegada nessas áreas de uma média de quase 1.800 pessoas por dia para trabalhar. Só que com uma diferença: a garimpagem normalmente deixava a família nas cidades-satélites e o cara ia sozinho para o garimpo.

Esse novo chegante levava para o garimpo mulher, filho, gato, cachorro. Encheu de catarinense, levaram até churrasco pra dentro do garimpo. Alteraram o costume alimentar das áreas garimpeiras, uma coisa que concorreu também para o aumento de malária.

O garimpo é o grande dreno das grandes cidades brasileiras e dos grandes problemas nacionais. Ele drena exatamente as pessoas

mais agressivas. As mais combativas, as pessoas que têm maior poder de decisão entre as pessoas que protestam. É uma forma de libertação do jugo da economia, do emprego, do salário.

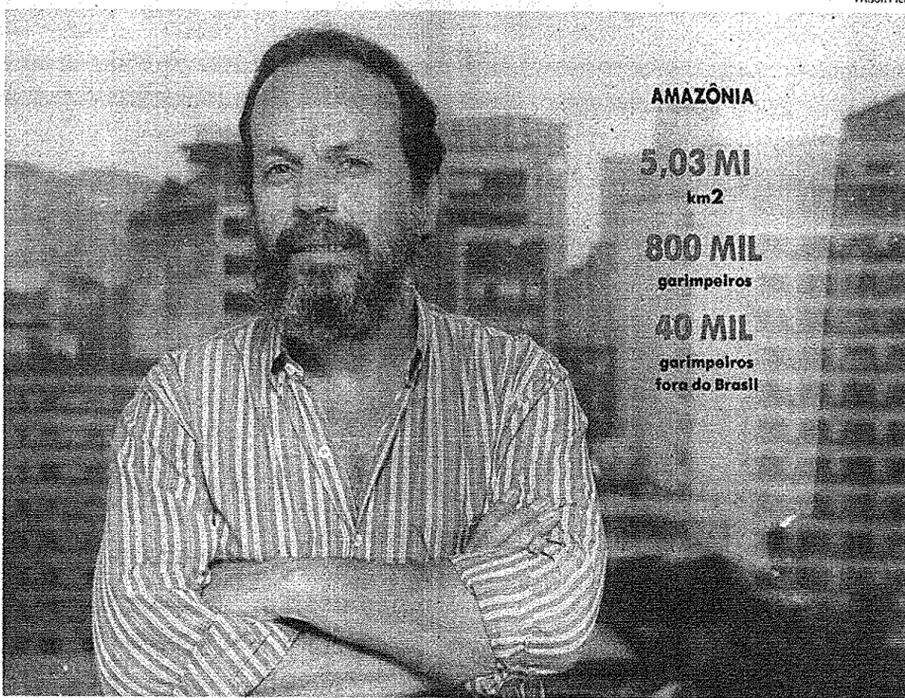
Na verdade, garimpo hoje é uma elite econômica. O garimpeiro tem um parâmetro de moeda muito mais forte do que qualquer outro brasileiro. Por isso é que Serra Pelada não fecha nunca. Ela não dá mais toneladas de ouro, mas ainda permite que cada garimpeiro, simplesmente batendo o chão, tire suas 30 gramas por mês, que não é nada, não é nada, são Cr\$ 100 mil.

É um salário que ele não ganha em outro lugar de jeito nenhum. Ele não sai de lá nunca. Ainda mais que ele está deflacionando e vocês inflacionados, no Sul. Quanto pior estiver a situação do Brasil, melhor a situação dos garimpos da Amazônia.

Há três anos você comprava um avião Cesna 206, o cavalo mecânico do garimpo, com dez quilos de ouro. Hoje, você compra por 6,5, no máximo sete quilos. Então, você está num processo de deflação.

E a contagem do garimpo é a contagem do velho Karl Marx, é a unidade de trabalho. O cara sabe que na floresta, em Serra Pelada ou em qualquer lugar, ele trabalhando tantas horas por mês vai ter 20, 30 gramas de ouro.

Um cara sozinho produz tantas gramas de ouro no máximo. Se ele trabalhar tantos dias ele só produz tanto. Existe um valor de unidade de trabalho. Então, se esse é o valor dele e ele vive melhor do que qualquer outro trabalhador nacional, ele não sai de lá nunca."



José Altino Machado, líder dos garimpeiros na Amazônia, durante entrevista em São Paulo

"O Brasil é pobre para ter a Amazônia"

"Por que os índios não podem morrer? Eles têm que morrer mesmo, como nós todos. Em 86 foram 230 mil casos de malária na Amazônia, com 18 mil mortos. No ano passado, teve 550 mil casos de malária com 49 mil mortos.

A previsão deste ano é um milhão de casos de malária, não se sabe nem quantos mortos. Roraima tem uma população de 11 mil índios, contando com os ianomami. Morreram 67. No mesmo período, morreram 940 da comunidade garimpeira e das outras trabalhadoras interiorizadas na Amazônia. E na Amazônia morreram 50 mil.

Nós temos o maior índice de lepra do mundo, no rio Purus. Não existe mais saúde pública na Amazônia. Acabou. Se o Brasil não dá conta de cuidar do Nordeste, como é que ele vai cuidar daquilo? O Brasil é um país pobre para ter a Amazônia, não tem dinheiro para aquilo.

Os índios estão morrendo porque pegaram malária. Os ianomami têm uma doença que é deles, não é nossa, a oncocercose. A incidência é de 84%, ela é dez vezes pior do que a malária e ninguém se importa, porque ela não vem de garimpeiro.

Você pode alegar que tem uma sociedade muito primitiva, que

"As lideranças indígenas são artificiais"

"A esquerda nunca deu muito trabalho para nós. Não é a esquerda política que faz essa campanha pesada contra os garimpos. Nós não podemos reclamar do PT. O PT nunca pulou na frente para ajudar, mas ele também nunca fez nada que prejudicasse.

Não é a esquerda política que age contra. É aquele intelectual que, normalmente, tem aquelas tendências esquerdistas, que ninguém sabe para que lado da esquerda que é, é que provoca. Quer dizer, é a esquerda do sonho. E a Igreja.

Eu acho até gostoso brigar com esse pessoal, porque é uma questão filosófica. Todo mundo tem razão. Quer dizer, todo mundo tem verdade e ninguém tem razão. O problema é que nós somos o pesadelo da realidade.

"Por que os índios não podem morrer, como todos nós?"

são os índios, mas do outro lado você tem uma sociedade também culturalmente infeliz, que é o garimpo. Os índios, quando querem dizer não, reagem com uma violência muito maior que o mundo civilizado. Se um índio daqueles for levado a dizer não para nós, acabou. Não tem presente, nem nada que convença.

O problema é que existe uma interdependência. É um defeito estrutural. A causa está no passado, pelos contatos errados.

O fundamental disso tudo é que hoje o índio tem desejos. E estamos conversados. É por isso que ele está vindo furtivamente na cidade buscar garimpeiro e levando lá para dentro. Ele tem desejos, ele quer consumir. E dentro da nossa economia, para consumir, alguém tinha que ter ensinado a ele o básico, que é produzir, para não criar a dependência criminosas.

A comunidade ianomami hoje

quer os garimpeiros perto porque passaram a depender deles. Isso é um crime. Só que é um crime de estrutura e de uma administração federal que nunca existiu.

Os índios não habitavam as áreas mineralizadas. Habitavam as bacias sedimentares. Com a chegada do branco, foram andando para trás. Começaram a passar para cima das cachoeiras para fugir do conquistador. Passaram para a área granítica, mineralizada. Estão todos aprisionados nas áreas mineralizadas.

Você começa, então, a analisar a conveniência de fazer reserva indígena. O que eu vou dizer parece um sacrilégio, mas a própria Constituição prevê. Você tem vizinho aos ianomami o Parque Nacional da Neblina, que é parque nacional exatamente pela exuberância da fauna, da caça. Não é o caso de fazer um assentamento deles lá, criar um santuário onde não vão precisar do branco, e deixá-los em paz?

É uma opinião para ser debatida. Mas acho que se você quer preservar o índio, faça a reserva dele num lugar onde não vá depender de ninguém.

Quem faz reserva? A reserva é mão do homem, não é mão de Deus. É imbecilidade de quem fez uma reserva onde tinha ouro. País nenhum do mundo fez e nem fará isso."

Por exemplo, o David Ianomami, famoso no mundo inteiro, prêmio Global. Por que ele não entra lá na área ianomami, na área do garimpo? Por que ele não entra lá?

Porque os índios de lá não aceitam. Porque os índios de lá são comparsas do garimpo, são frutos do garimpo, porque os índios de lá, até hoje, vêm de canoa buscar garimpeiro para ir lá dentro trabalhar para eles.

Se aquela comunidade indígena não quisesse que ficasse garimpeiro lá dentro... Aí é que vem o tal conceito de invadir. Invadir é quando você vai e quem está lá não quer. Se você me convida ou se você aceita eu entrar na sua casa, eu não invadi a sua casa. Então isso cria uma cumplicidade."

Liderança começou em Serra Pelada

Da Redação

O mineiro José Altino Machado, 49, calcula que passou por suas mãos, em 24 anos de garimpo na Amazônia, cerca de uma tonelada de ouro. O que dá aproximadamente US\$ 12 milhões. Tem seis aviões e explora quatro minas de ouro e uma de estanho.

Ao longo da década de 80 se transformou na principal liderança dos garimpeiros. Conheceu a Amazônia pela primeira vez em 1966. Explorava ferro e bauxita na região de Mariana (MG) e já tinha máquinas, tratores e avião.

Em 67 ganhou concorrência para desmanchar a ferrovia Belém-Ananideua (PA). Fez as primeiras explorações de ouro no rio Jari. Continuava a morar em Governador Valadares (MG), onde a família tem até hoje a maior propriedade rural, uma fazenda de 1.359 alqueires mineiros (6.577,5 hectares).

Entre 78 e 80 construiu barragens no interior do Ceará. E de lá foi para Serra Pelada (PA), onde mergulhou definitivamente no garimpo e começou a assumir posições de liderança.

Em fevereiro de 85 ficou conhecido nacionalmente quando liderou a invasão da Região de garimpo da serra dos Rucucus, dentro da área da reserva indígena dos ianomami. Altino foi preso e ficou 27 dias na cadeia.

Ele foi derrotado na eleição para o Senado em Roraima em 90, concorrendo pelo PMDB, mas sua mulher, Vera Regina, se elegeu deputada estadual pelo PL.

"A única política é chamar a polícia"

"O que está acontecendo nas fronteiras é o que a gente está chamando de 'efeito Rezek'. Os países vizinhos sempre nos respeitaram porque tinham uma reação energética do Brasil. Com os discursos do Collor e do Rezek (Francisco Rezek, ministro das Relações Exteriores) dizendo que não apóiam os garimpeiros que atravessaram as fronteiras, agora já não existe temor. Os países vizinhos sabem que o gigantão está dormindo.

O Collor é engraçado. Eu sou contra o modo dele fazer as coisas, mas ele surpreende a gente. Lança projetos que parecem gerados por uma cabeça pensante muito inteligente. Mas, na hora da aplicação... É muito açodado. A arte política que eu acho que o Collor não sabe fazer é a de administrar os contrários.

Política para a Amazônia não tem nenhuma. A Sucam (Superintendência de Campanhas de Saúde Pública) acabou, o Inpa (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia) está parado, os hospitais tropicais estão todos fechados. A política dele que chegou para nós foi só a polícia.

O que fazem as autoridades, sem poder exercer o poder econômico sobre os garimpeiros? Usam o Tuma (Romeu Tuma, da Polícia Federal). Usam o poder da força. E isso virou uma rotina na Amazônia.

Eu fui eleitor do Lula. Não pelo Lula. Eu queria ver. Em cem anos de República, nunca a outra parte governou o Brasil. Por isso é que eu votei no Lula. Valia a pena arriscar."